

A FALSA ORIGEM DO FORRÓ:

Pseudoetimologia e a construção do nordestino no imaginário histórico

Gabriel Contini Abilio¹
Dr^a. Edna de Mello Silva²

Artigo recebido em: 23/07/2024

Artigo aceito em: 25/10/2024

RESUMO:

Através das origens etimológicas de palavras e expressões, entende-se parte da história de um povo e da forma com que este se relaciona com seus conceitos. Através de falsas etimologias, normalmente divulgadas na internet, cria-se um falso imaginário, uma narrativa sobre como a história e o presente de um povo devem ser lidos, através das características que são apontadas neste discurso. Através da análise do discurso, o presente artigo aprofunda o estudo sobre uma narrativa de natureza pseudoetimológica corrente nas redes virtuais sobre a origem da palavra “forró” e sobre como esta contribui para a construção de um falso imaginário acerca do povo nordestino.

PALAVRAS-CHAVE: Pseudoetimologia; Imaginário histórico; História discursiva; Desinformação na internet.

THE FORRÓ'S FALSE ORIGIN:

Pseudo etymology and the construction of northeastern in historical imaginary

ABSTRACT:

¹ Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) e em Licenciado em História pelo Centro Universitário Claretiano (CLEUCAR). Mestrando em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins (PPGCOM-UFT). Membro do Grupo de Pesquisa em Mídias, Tecnologias e História (MITECHIS/UFT/CNPq). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3478396095484671>. Contato: comunicador.abilio@gmail.com

² Doutora e Mestra em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA-USP). Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade São Judas Tadeu (USJT). Docente no curso de Design Educacional da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins (PPGCOM- UFT). Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Design e Tecnologias Digitais (CoDE/Unifesp/CNPq). Coordenadora da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (Telejor). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9405118016902400>. Contato: prof.ednamello@gmail.com

Through the etymological origins of words and expressions, we understand part of the history of a folk and the way in which they relate to their concepts. Through false etymologies, normally published on the internet, a false imaginary is created, a narrative about how the history and present of these people should be read, through the characteristics that are pointed out in this discourse. Using the discourse analysis, this article deepens the study of a narrative with a pseudo-etymological nature, current on the internet, about the origin of the word “forró” and how it contributes for the construction of a false imaginary about the Brazilian Northeastern people.

KEYWORDS: Pseudoetymology; Historical imaginary; Discursive history; Virtual disinformation.

1. Introdução

O presente artigo trata das repercussões decorrentes da construção discursiva inerente à narrativa de falsas etimologias divulgadas na internet para a construção do imaginário histórico. O foco da análise é a pseudoetimologia corrente sobre a origem da palavra “forró” e de como isso acarreta na construção do imaginário sobre a região e população do Nordeste brasileiro. Discorre-se também sobre os malefícios destas desordens informacionais para a historiografia. Para isso, é preciso compreender que, com a internet, a divulgação de informações, verdadeiras ou falsas, ganha uma nova amplitude na percepção do espaço histórico, que está sempre em constante disputa.

Já que é impossível retornar fisicamente ao passado, a construção do saber histórico é dada ao passo que, através das informações às quais se tem acesso, constroi-se um imaginário sobre este passado e sobre as respectivas regiões geográficas relacionadas a estes fatos e narrativas. Tais informações nunca foram restritas à escola ou aos livros, estando acessíveis em todo lugar, e vêm de forma não-explicita, camufladas internamente por meio de um discurso que irá compor esse imaginário. Todavia, com as redes virtuais, uma nova abrangência interdiscursiva aparece, utilizando novos tipos de argumentos para construir o imaginário histórico.

Dentre estes elementos constitutivos do imaginário encontram-se as desordens informacionais, comumente chamadas pelo termo “*Fake News*”, embora Wardle e Derakhshan (2023, p. 12) afirmam que esse termo não deve ser utilizado para todas as divulgações de informações falsas uma vez que este seria “inadequado para descrever os fenômenos complexos da poluição informacional” e porque foi “apropriado por políticos em todo o mundo para descrever organizações de notícias cuja cobertura os desagradam [...] se tornando um mecanismo pelo qual os poderosos podem reprimir, restringir, minar e contornar a imprensa livre”. De maneira geral, desordens informacionais são as divulgações midiáticas que possuem algum elemento de falsidade na informação ou capacidade de dano a pessoas, grupos ou instituições, sejam estes intencionais ou não, havendo subtipos específicos para classificação das mesmas (Wardle & Derakhshan, 2023, p. 12-13).

Notícias falsas sempre existiram e foram sempre parte de quadros políticos. Com a amplitude de divulgação em massa da internet, porém, essas divulgações tornam-se um fenômeno sem precedentes, influenciando muito mais a forma com que os indivíduos enxergam o mundo, criando novos argumentos ideológicos e fomentando discursos de ódio. Estes argumentos intradiscursivos encontram-se atrelados aos mais diversos campos do saber, fornecendo versões distorcidas do cunho científico, se aproveitando da roupagem acadêmica para reforçar sua própria perspectiva ideológica. Embora seja corriqueiro enfatizar ataques e desordens informacionais ligadas às ciências da saúde ou mesmo à área da história em geral, é pouco comum que se note como desordens informacionais no campo da etimologia produzem efeitos que se somam ao imaginário histórico, corroborando com narrativas pejorativas sobre determinados grupos.

A etimologia é o campo do saber que estuda o desenvolvimento das línguas ao longo do tempo, lidando tanto com a mudança de palavras e expressões como com as mudanças da própria gramática da língua (Lieberman, 2009, p. 6-8). Embora comumente atribuído à área da linguística, o campo se encontra numa intersecção entre linguística, história, antropologia e comunicação. É comum que se recorra à

etimologia para introduzir temas científicos, como forma de dar crédito e conferir autoridade ao expositor, uma vez que o saber sobre a origem da língua serviria para explicar seu “verdadeiro sentido”, conectando a língua ao imaginário histórico. Por sua vez, a pseudoetimologia (ou paraetimologia) é, segundo Wilton (2004), o fenômeno de como surgem “versões alternativas” para origens de palavras ou expressões, sem embasamento histórico reais, muitas vezes criadas por conexões de apofenia. Essas “lendas” se propagaram seguindo um modelo de distribuição similar ao de boatos ou lendas urbanas, de autoria indefinida ou mitigada e realçando aspectos culturais já presentes no imaginário de um grupo, conforme o autor.

É importante atentar para o fato de que a pseudoetimologia, assim como a própria desordem informacional, não é um fenômeno novo, mas sua propagação ganha outro formato e dimensão com as redes virtuais de informação, onde estas passam a figurar mais fortemente como um argumento dentro da construção de um imaginário político e social. Tornou-se comum receber, no cotidiano dos falantes de língua portuguesa brasileira com acesso à internet, vídeos ou textos atribuindo falsas narrativas históricas conectadas a falsas etimologias. Como exemplo, é possível citar o caso da expressão “feito nas coxas”, que indica um trabalho de má qualidade e que foi falsamente atribuída à produção de telhas de barro por pessoas negras escravizadas durante o período colonial, ao ponto que o Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (IPHAN) carece da publicação de um artigo (La Pastina filho, 2006) para desmentir o boato. Todavia, a falsa etimologia sobre a expressão continua a figurar em documentos oficiais de órgãos públicos, alegando falsamente ser de cunho racista (Bahia, 2021; Espírito Santo, 2020).

E embora o referido caso supracitado possua um “propósito nobre”, visando cunhar um imaginário antirracista por meio de mudanças linguísticas, na visão de Santaella (2018, p. 18-19) desordens informacionais são artifícios de enganação e manipulação das crenças das pessoas, atuando em interesses escusos e cujos efeitos nocivos nem sempre são perceptíveis em curto prazo. A autora diz serem sempre invariavelmente contraproducentes, sendo a alternativa a veiculação

de notícias verdadeiras, a educação e o debate, sempre. Santaella ainda aponta para o fato de que tais desordens acabam por criar ou intensificar bolhas de pós-verdade, espaços virtuais onde circulam desordens informacionais, falsas ou altamente enviesadas, onde não há a possibilidade de debate para desconstrução das falsas informações em face do radicalismo.

Para investigar o tópico, vale-se de referencial teórico multidisciplinar, bem como da metodologia de análise do discurso, fundamentada por Eni Orlandi (2000), de natureza qualitativa, concomitante aos campos da comunicação, linguística, antropologia e análises de sentido em documentos históricos, para identificar a mensagem intradiscursiva introjetada através do objeto textual. Como corpus foram selecionadas três matérias de texto feitas na internet nos últimos dez anos que informavam a falsa etimologia, cujo critério de seleção foram a) a divulgação ou insinuação apenas da pseudoetimologia e b) dentre estas, os sites com maior número de acessos, de forma a dar maior visibilidade à matéria publicada.

2. Imaginário histórico, discurso e falsas notícias

Atenta-se para Albuquerque Jr. (2018), que afirma que a ideia de “nordestino” não é mais do que uma construção do imaginário, desenvolvida histórica e discursivamente. Esta é marcada pelas elites dominantes, centradas no sudeste, por um “regionalismo de inferioridades”. Para Souza (2009, p. 55-58), a criação do exótico como o distante do eixo central de poder neste imaginário existe para atender uma projeção destes dominantes sobre as identidades locais, pacificadas pelo entendimento de “quem é quem e como”, que habita o imaginário social do Brasil.

Entender história enquanto um “imaginário” pode incitar uma conotação negativa, anti acadêmica, como se o termo indicasse algo “irreal”, mas não se trata disso. Lacpra (2004, p. 32-40) estabelece a conexão entre o elemento do imaginário e histórico, demovendo a perspectiva de que, ao se imaginar a história, faz-se por carência de fatos e que, ao buscar-se uma “história verdadeira”, isso afastaria todas

Revista Espacialidades [online]. 2024.2, v. 20, n. 1, ISSN 1984-817X [18]

as subjetividades e o “risco completo de incalculabilidade e contingência (incluindo o risco de loucura)”. Explica o autor haverem múltiplas possibilidades e olhares dentro do campo histórico, sem qualquer redução do rigor metodológico pelos historiadores em seu ofício. Na mesma linha, Carlo Ginzburg (2017) entende que, mesmo o rigoroso ofício do historiador carece de imaginação para compor o cenário histórico, permeando as lacunas, o que carece de entendimentos prévios sobre o tema que permitem estabelecer hipóteses funcionais e, partindo destas, criar uma narrativa.

Entretanto, há conflitos políticos nos meandros da construção deste imaginário. Ao mesmo tempo em que documentos históricos estabelecem evidências sobre contextos e circunstâncias, essas evidências e dados precisam ser interpretados para se estabelecer naquilo que H. White (1992) chama de “narrativa histórica”. Isso se dá tanto pela disposição dos elementos na apresentação dos dados como pelo padrão como se enfatizam, esquecem ou apagam elementos, além ainda de possíveis distorções voluntárias (propositais) de elementos que podem ocorrer, compondo uma “crônica histórica” ou “estória”. Para White (1992, p. 21), um determinado evento ou conjunto de eventos é adicionado ao contar do fato como parte de um código onde há inserção de motivos, inseridos em um processo diacrônico já concluído, mas que se apresenta como se fosse uma estrutura síncrona. Isso cria a sensação de narrativa crônica, processo esse que valoriza elementos de forma axiomática. Para o autor, essa narratividade permeia todos os esforços historiográficos e molda um imaginário acerca de um período com base em tais aspectos diacrônicos e ideológicos.

Todavia, o conhecimento histórico e a composição deste imaginário não são exclusivos da academia e se dão em todas as populações e camadas. A situação se encorpa quando o assunto chega no imaginário histórico coletivo, que comumente se vê desprovido deste rigor metodológico. O supracitado processo de narração histórica associa-se diretamente ao que Eni Orlandi descreve como o interdiscurso, que entende este como “aquilo que se fala antes, em outro lugar,

independentemente” (Orlandi, 2000, p. 31), um conjunto de memórias estruturadas sobre uma peça discursiva que constituem um saber discursivo-narrativo, presente quando na recepção ou contato com um enunciado e que se faz presente como parte de sua interpretação. Dessa forma, o interdiscurso é uma partícula de cunho hermenêutico dentro do saber histórico, por fazer-se presente entre o sujeito e a forma com que este dá significado ao texto a que tem acesso.

O interdiscurso é um “saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra”, um enunciado do passado em seu tempo presente. Este sempre permeia a esfera ideológica como parte da transmissão do saber. Este saber ocorre de forma horizontal e diacrônica e que só se torna síncrono e vertical quando se expressa o discurso por meio de um texto, uma “voz anônima na memória histórica” (Orlandi, 2000, p. 30-36). Dessa forma, informações recebidas em diferentes períodos da vida do indivíduo se conectam de uma maneira que este percebe como linear, criando a supracitada relação de “estória-história” ou “crônica histórica de caráter narrativo”, supracitada por White (1992, p. 21). Como a construção ocorre de forma não consciente, se beneficiando de toda forma de conhecimentos e experiências previamente adquiridas, não há necessidade de lembrar (e questionar) as fontes de cada pormenor, sendo o reforço da certeza de caráter pessoal e ideológico.

No contexto da análise do discurso, o conceito de ideologia possui significação própria. Orlandi (2000, p. 45-50) considera a ideologia como um dispositivo mental que atua na interpretação da realidade, conduzindo a criação de um sentido enquanto transforma o dado fático em evidências dotadas de significação. Ao mesmo tempo em que este apaga a existência do sujeito interpretante enquanto produtor destas evidências, atribui o resultado de interpretação como se fosse o próprio objeto inicial, dentro do imaginário. “A ideologia, por sua vez, nesse modo de a conceber, não é vista como um conjunto de

representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade. Não há, aliás, realidade sem ideologia” (Orlandi, 2000, p. 46).

Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. E como não há uma relação termo-a-termo entre linguagem / mundo / pensamento essa relação torna-se possível porque a ideologia intervém como seu modo de funcionamento imaginário. São assim as imagens que permitem que as palavras “colem” com as coisas. Por outro lado, como dissemos, é também a ideologia que faz com que haja sujeitos. O efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito. Pela interpretação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade. Por outro lado, a interpretação do indivíduo em sujeito pela ideologia traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique produzindo o efeito de evidência do sentido (o sentido-lá) e a impressão do sujeito ser a origem do que diz. Efeitos que trabalham, ambos, a ilusão da transparência da linguagem. No entanto, nem a linguagem, nem os sentidos são transparentes: eles têm sua materialidade e constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente (ORLANDI, 2000, p. 46).

Tendo por base essa relação da língua e a materialidade histórica, vê-se como pequenos elementos dialógicos possuem poder para inferir em percepções da narrativa histórica e influenciam o imaginário. A ideologia, que é construída através de somas de experiências, constroi uma realidade de interpretação não percebida pelo interpretante. Dessa forma, mesmo o ofício metodológico historiográfico corre riscos diante de falsas notícias, mesmo aquelas aparentemente sem importância, tais como falsas etimologias. Estas constroem um interdiscurso, alojado no imaginário, que induz características incorretas ao crivo analítico acadêmico, que dirá a um crivo menos rigoroso. A desordem informacional entrega como fato aquilo que é uma percepção do autor por meio do apagamento do sujeito e transmite este “dado” ao receptores do texto, passando a compor seu interdiscurso, sua galeria imaginária de fatos sobre o mundo, aos quais o mesmo não fará questionamentos diretos antes de usá-los para interpretar o mundo.

Portanto, a construção do sentido histórico do mundo, o imaginário que permeia o interdiscurso, está em fragmentos informacionais. Lacapra (2004, p. 36-42), ao entender que uma identidade se constroi através de não de uma história, mas de histórias, no plural, identifica que mesmo pequenos elementos, atribuídos a

um grupo por indivíduos externos, podem influenciar nessa identidade, desde eventos traumatizantes até brincadeiras e jogos infantis. Qualquer coisa pode ser um componente interpretativo ao se lidar com a construção histórica de um imaginário e de uma identidade. E aborda-se aqui o problema de identidade pois é onde este se tange a questão da língua e da história. Labov (2008, p. 60) apresenta que não somente a língua empodera ou discrimina grupos, mas cria identidades para grupos minoritários, marginalizando-os por internalizar preconceitos através do falar.

Saussure (2000, p. 132-139) diz que há construção do saber histórico através da língua, entendendo-se os contatos entre povos e movimentos sociais internos como causadores de mudanças, sendo esta a sua função diacrônica. Ao entender que tais mudanças ocorrem e precisam ser explicadas, a etimologia é preponderante, mas a forma de sua veiculação, o discurso lançado, também é parte da construção do saber histórico. Uma vez que esse discurso se aproprie de falsas informações, tal construção tende a propagar distorções, agindo conforme supracitado em Wardle e Derakhasan (2023, p. 12), onde inverdades criam malefícios a grupos, falsificando a história de um povo e distorcendo identidades. Retoma-se o paralelo com a Albuquerque Jr. (2018, p. 118-120), que descreve que o Nordeste é construído nacionalmente, de forma discursiva, para representar um ideário sulista centrado em São Paulo, apropriando-se de nostalgias de autores da região de forma a representá-la como de pessoas pouco instruídas, governadas por coroneis autoritários, com vidas presas ao passado e “sem capacidade orgânica para estabelecer uma civilização mais duradoura”.

3. Verdades históricas e disputas narrativas

É necessário embasar mais profundamente a ideia de “verdade histórica”, uma vez que a pergunta “o que é verdade?” abrange intrinsecamente o campo da filosofia. Mais ainda, há de se questionar o que seria a “verdade na língua” e como isso tange a possibilidade de uma suposta “verdade histórica sociolinguística”, para então ver onde isso se encaixa na relação entre desordens informacionais e a

construção do imaginário histórico. Sabe-se que línguas se desenvolvem por mudanças internas, aquelas que se originam do uso, e externas, absorção ou resistência do contato com outros povos (Saussure, 2012, p. 132-139). Todavia, há aqueles, como Labov (2008, p. 301-312), que reivindicam uma percepção histórica e diacrônica da semântica. Isso implica na ideia de uma construção de sentido para palavras não baseadas somente em sua função catalogada em dicionários ou em seu percurso histórico, mas no sentido atribuído no momento em que esta é falada. Essa visão valoriza a função social da língua, explicitando o sujeito falante como construtor da fala e de seu tempo histórico.

Esse fator é inegável. A língua é uma instituição viva e sempre simultaneamente atual e tradicional. Todavia, é preciso compreender que o sentido atribuído é parte de um prisma político e que a compreensão disso não rejeita, mas até enriquece a construção histórica por trás disso. Labov (2008, p. 370-372) afirma que não se trata um processo de destruição e reconstrução, mas de mudanças epistemológicas integradas principalmente a identidades sociais ligadas à ressignificação destas características e da forma com que este grupo é percebido. Essa percepção se encontra com o imaginário do histórico que se tem sobre tal grupo.

Compreendendo a língua como parte da história no presente, encontramos um paralelo com Eric Hobsbawm (2013), que vê toda história sempre como uma construção do tempo presente, não do passado. Todavia, o autor enfatiza que, apesar da construção do imaginário histórico ser sempre uma perspectiva contemporânea, isso não abre um precedente para que dentro do ofício metodológico do historiador se narre uma ficção sem evidências ou bases documentais que as suportem (Hobsbawm, 2013, p. 25-26). Dessa forma, há um crivo que separa a história de mera fantasia, que o autor enfatiza não significa esquecer a construção de novas percepções, mas tratá-la como são: inovações de sentido. Aplicando isso à construção do imaginário histórico pela divulgação etimológica, vemos a necessidade da análise documental, da mesma forma como a

compreensão dos sentidos presentes. Criando um paralelo entre ambas, entende-se o desenvolvimento do conceito-palavra, que se associa com componentes interdiscursivos, mas que não permite rejeitar o rigor avaliativo em face dos desejos de construção de uma narrativa por si. Do contrário, rejeita-se o passado em prol de algo discursivo não-fundamentado.

É preciso se entender nesse sentido que a etimologia não é um campo pacificado de disputas e, portanto, a forma com que essa afeta a construção do imaginário histórico também se encontra sob disputas. Lacapra (2004, p. 196-199) entende que tais discussões são o que fazem com que a história esteja sempre em um estado de trânsito e um constante refinamento de perspectivas, bastante benéfico à sociedade, não sendo necessário restaurar nenhuma “unidade” ou consenso universal. Narrativas discordantes (ou disputas narrativas) são parte do processo de construção histórica, fato também apontado por White (1992) e Hobsbawm (2013), o que não indica que sua composição seja apenas ficcional ou deva ser destinada exclusivamente a reverenciar um único prisma.

Nisso, encontra-se fundamentação teórica no etimólogo Anatoly Liberman (2009, p. 152, tradução nossa), que afirma sobre seu ofício: “enquanto estamos munidos de documentos, somos historiadores”. Em seu trabalho, o autor enfatiza que, apesar de aberto a possibilidades, há um compromisso com os referenciais teóricos, e descreve a metodologia etimológica para obter a história da língua, e conseqüentemente de um povo, baseada em comparativos síncronos de componentes linguísticos, bem como de dicionários, livros antigos, textos e outras formas de registros escritos, enfatizando o comparativo entre o síncrono e o diacrônico como uma complementação ao segundo (Liberman, 2009). Portanto, para fins deste estudo, parte-se a perspectiva epistemológica e metodológica da própria ciência etimológica, entendendo que, mesmo que a língua possua uma perspectiva diacrônica que se constroi dentro de um espaço discursivo, não se pode ignorar os fatos documentais, havendo ciência que a interpretação destes dados é o que permite a construção da materialidade histórica.

Assim, comparando os conceitos apresentados, aceitar o sentido corrente e presente da linguagem não significa aceitar uma etimologia não embasada em materialidade histórica documental. A consciência de que o sentido presente é baseado em seus falantes não implica uma negação da trajetória histórica deste falar. Muito menos cria abertura ao relativismo, o que é diferente de se levar em conta disputas etimológicas ou historiográficas sobre um tópico. A disputa de sentidos e narrativas é benéfica à construção do imaginário, entretanto embasada em um crivo documental, o que abre cadência até mesmo a história oral e outras formas de registro.

Desta forma, para este estudo leva-se em consideração como “falso” para fins etimológicos aquilo que não tem como base a perspectiva documental e metodológica do estudo da etimologia, que se utiliza primariamente de registros em dicionários, textos antigos e do comparativo entre diferentes grupos falantes como forma de entender as diacronias e mudanças externas da língua.

4. Analisando as pseudo-origens do Forró

As narrativas pseudo etimológicas assumem comumente o papel de “lendas urbanas linguísticas”, conforme Wilton (2004), o que torna sua autoria algo normalmente impreciso, pois mesmo quando se apresenta uma possível fonte (o que seria raro), não se encontram critérios para falseamento histórico direto desta fonte. Dessa maneira, o foco primordial aqui não está na fonte dos dados, como Wardle e Derakhsan (2023) normalmente enfocam para estudos de desordens informacionais, mas no discurso intrínseco à narrativa apresentada em questão, conforme a metodologia de análise do discurso (Orlandi, 2000). Como é comum em lendas urbanas, embora os detalhes de cada versão apresentada possam se modificar, há um cerne narrativo. Identifica-se um liame conectivo, no qual propaga-se um mesmo discurso na referida narrativa sobre a origem do forró. Nesta, supostamente, a palavra “forró” seria uma corruptela do termo em inglês “*for all*” (para todos), que teria surgido em festas para imigrantes anglófonos na região Nordeste. Há versões

que associam a narrativa aos eventos do *Trampolim da Vitória*, evento relativo à presença militar no Nordeste brasileiro na 2ª Guerra Mundial (DRAPER, 2010, p. 8), e versões relacionadas à festas de uma companhia britânica de trens, em atividade em Pernambuco a partir de 1881 (DIAS & DUPAN, 2022, p. 3-4).

Tal versão não é bem aceita por etimólogos, prevalecendo a versão de que, conforme o historiador e folclorista potiguar Luís da Câmara Cascudo (1954, p. 412-413), o nome veio das expressões “forrobodó” e “forrobodança”, que significam um festejo alegre, relativas à música, e que, por uma relação metonímica, passaram a identificar festas e posteriormente o ritmo musical. O autor indica referências em diversos documentos, a mais antiga datando de 1863, embora alguns autores acreditem que a expressão seja bem mais antiga. Assim, tendo em vista o supracitado, compreende-se a variação de “*for all*” como uma lenda urbana linguística, sendo sua divulgação uma desordem informacional. Ressalta-se que isso independe do divulgador saber se tal origem seria ou não falsa, uma vez que tal ciência não é critério para a tipologia, conforme Wardle e Derakhasan (2023).

A partir da metodologia estabelecida por Orlandi (2000), parte-se para a análise do discurso da narrativa pseudoetimológica. Conforme a autora, este método visa “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (Orlandi, 2000, p. 15), entendendo a linguagem como uma articulação entre a realidade humana, material ou abstrata e seu imaginário. Assim pode-se entender como objetos textuais produzem sentidos em seus contextos e linguagens, o que é chamado “discurso”. Nesse sentido, a peça de texto não é somente algo abstrato ou estático, mas existe dentro de seu ambiente histórico interdiscursivo, que perpassa o enunciado. Sua investigação se dá em quatro principais etapas (Orlandi, 2000): Seleção do corpus, mediante critérios específicos da pesquisa; Transcrição enunciativa, que inclui a comparação semântica de termos e conjuntos e análise de textos não-verbais; Identificação de dispositivos de análise (metáfora, polissemia, paráfrase, interdiscurso, negação); e identificação discursiva, onde vê-se as formas onde o

enunciado constitui um sentido dentro dos aparelhos ideológicos (relações de classe, raça, gênero, ambiente...) e apagamentos sistemáticos dos interlocutores.

É preciso sobressaltar que esse processo de disputa pela história da língua não se inicia na internet, mas ganha uma nova amplitude no ciberespaço. Dessa forma, o recorte temporal do corpus usa como base publicações em texto divulgadas na internet no espaço de 10 anos (2014 a 2024), que incluem a narrativa citada. Uma vez que não é possível saber o número de acessos de cada publicação sem a autorização dos sites, o critério buscou os sites divulgadores com mais acessos em geral, com base na ferramenta SE Ranking, visando matérias com maior chance de serem vistas.

Também se ressalta, conforme expõem Draper (2010) e Dias e Dupan (2022) e Albuquerque Jr. (2018, p. 177), que o ritmo do forró é intimamente ligado à identidade regional nordestina. Assim, diversas instituições, em sua maioria nordestinas, empenharam-se em corrigir tal “lenda urbana” pseudoetimológica nas últimas décadas, como apresenta Alves (2011). E uma vez que este estudo intenciona compreender a construção com base na narrativa pseudoetimológica, foram excluídas da seleção reportagens que apresentassem a versão histórica (forrobodó), focando-se em entender somente o fenômeno desinformacional, já que a compreensão da disputa entre ambas seria tópico uma análise própria. Assim, será analisada a matéria do jornal Diário do Poder (2021) “Dia Nacional do Forró é homenagem à data de nascimento de Gonzagão”, a publicação da TV Senado “‘Forró’ ou ‘for all’? A mistura do sotaque norte-americano com o português no Rio Grande do Norte”, parte do projeto “É Assim que se Fala” (Senado, 2022), e a matéria “Secretaria Municipal de Cultura comemora o Dia do Forró com maratona no centro”, do portal da Secretaria de Cultura no site da Prefeitura de São Paulo (São Paulo, 2017).

Para prévia interdiscursiva, devido ao interesse por relações identitárias supracitadas, a pseudoetimologia de “forró” está entre as mais fáceis de serem desmontadas. Uma simples busca por “origem da palavra forró” em quaisquer sites

de pesquisa gera como primeiros links disponíveis matérias corrigindo a falsa etimologia ou, ao menos, apresentando haver um debate sobre o assunto. Leva-se isso em consideração, já que estes veículos têm caráter jornalístico e de assessorias de imprensa, regidos por procedimentos de apuração de informações.

3.1. Prefeitura de São Paulo (2017):

Objeto de texto presente no site:

Título: Secretaria Municipal de Cultura comemora o Dia do Forró com maratona no centro.

Subtítulo: As atividades acontecem no dia 16 de dezembro na região da Praça da República e reúnem mais de 40 trios de forró tradicional.

Autor: Não identificado.

Texto:

O Dia Nacional do Forró terá uma programação especial na cidade de São Paulo. No dia 16 de dezembro, a partir das 16h, o entorno da Praça da República receberá a Maratona do Forró, um evento gratuito que é fruto de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Cultura e o projeto Espalha Brasa, que promove o forró tradicional.

Durante a Maratona do Forró, o público poderá dançar ao som de mais de 40 trios com grandes orquestras de forrozeiros. Alguns destaques da programação deste dia são a cantora Fatel Barbosa, que se consolida no gênero do forró pé-de-serra; o Trio Sabiá, com mais de 30 anos de carreira; e o Trio Marrom, com 33 anos de carreira, liderado por Curisco, que durante 19 anos integrou a banda de Dominginhos. Durante o evento, a população relembra os clássicos do forró de seus maiores ícones, como Luiz Gonzaga, Dominginhos, Marinês, Jackson do Pandeiro, Trio Nordestino, Flávio José.

O termo forró vem do inglês “for all”. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Getúlio Vargas, presidente do Brasil, permitiu que os Estados Unidos instalassem uma base militar no Rio Grande do Norte. Para se divertir, os soldados norte-americanos davam bailes abertos ao público, para todos: “for all”, expressão que os nordestinos pronunciavam “forró”.

“Quando analisamos a história do forró vemos que é um estilo musical que nasceu de uma habilidade curiosa dos brasileiros de incorporar novidades à sua cultura dando à ela uma personalidade local. É uma forma de homenagear a cultura brasileira na sua essência”, ressalta o secretário André Sturm.

A ideia é que o trio faça o papel de uma banda base para que os grupos se revezem ao longo do trajeto. Para garantir que a festa transcorra

ininterruptamente por três horas, diversos artistas foram convidados para integrar a programação.

Confira a seguir a programação do evento: Trio Amizade, Trio Zabelê, Romero Silva, Bill Ramos, Bernadete França, Nininho de Uauá e Dedé Florêncio, Trio Marrom, Gilberlândio, Gaviões do Nordeste, Dantas do Forró, Os Alegres do Nordeste, Trio Umbuzeiro, Zezinho do Acordeon, Fernandinho do Acordeon, Fabinho Zabumbão, Zé da Guia, Gara-Pé, Julinho Torres, Dika de Monteiro, Trio Raça do Pajeú, Aluizio Cruz, Trio Sabiá, Sérgio Avelar, Téo dos 8 Baixos, Fatel Barbosa, Luiz Wilson, Farinha do Mesmo Saco, Sakulejo, Trio Lua Branca, Os Sociais do Forró, Trio Arcoverde, Zé da Lua, Lucas Silva, Cacá Lopes, Geraldo Brito, Nego do Acordeon, Luiz Amorim, Trio Alecrim, Gaúcho do Forró, Trio Pernambuco, Manoel do Acordeon, Ferreirinha do Forró, Trio Jeremoabo.

Serviço: Maratona de Forró. Praça da República. Dia 16/12, a partir das 16h. Grátis (SÃO PAULO, 2017).

Sobre o veículo e contextualização ideológica: Durante o ano de 2017, a prefeitura de São Paulo esteve sob a gestão de João Dória (PSDB), mais alinhado à direita e centro-direita. Seu partido usualmente não possui um número majoritário de votantes no Nordeste nos períodos de eleição, sendo que Dória certa vez propôs utilizar-se da seca nordestina como atração turística no Brasil (Carta Capital, 2017).

Identificação do objeto discursivo: Apresenta-se a celebração no evento da prefeitura de Dia Nacional do Forró, como parte de um projeto que ensina “forró tradicional” na cidade, tendo como cerne os detalhes do evento e seu convite aberto. Grandes musicistas do ritmo são citados, atribuindo-se autenticidade à homenagem. Em segundo plano, apresenta-se a narrativa, creditando a invenção a soldados estadunidenses e a palavra como corruptela da expressão da língua inglesa, com uma fala do secretário de cultura sobre esta.

Enunciação: Há menção aos eventos do *Trampolim da Vitória*, indicando a estes a ação de criação. Ainda que se entenda o sentido de participação da população da região nas festas, esta não está semanticamente descrita, apenas implícita. Na fala do secretário, encontra-se ainda a expressão “curiosa habilidade de incorporar”, atribuindo esta ao povo brasileiro, onde “nordestinos” encontra-se dentro por relação hipônima, ainda que ressaltada a “personalidade

local”. Em relação à polissêmica, a palavra “curiosa” poderia ser substituída por “exótica” sem perda de sentido. Em relação à proximidade, a associação semântica à corruptela encontra-se próxima da palavra “nordestinos”, enquanto “brasileiros”, encontra-se próximo a “habilidade” e “homenagear”.

Identificação de elementos ideológicos de espaço e tempo: Em uma relação histórico-político-espacial, leva-se em conta que a região Nordeste tem dado uma massiva contribuição de votos a candidatos da esquerda política nas últimas décadas da democracia brasileira, principalmente em eleições presidenciais. Faz-se ainda um paralelo à Jessé Souza (2009, p. 52-57), que afirma a ideia de “brasilidade unificada” e “plasticidade cultural em se adaptar” são elementos de uma construção artificial da autoimagem brasileira, feito para garantir o poder às elites dominantes, que mascara preconceitos e abafa conflitos regionais e de classe. Segundo Souza, o mito da brasilidade máscara um *ethos* de exotismo e preconceito, normatizando desigualdades como obra do acaso e do comportamento emocional brasileiro (Souza, 2009, p. 57). É importante enfatizar também, conforme Albuquerque Jr. (2018, p. 54-57), que há uma dicotomia paulista/nordestino no imaginário da “identidade brasileira”, historicamente construída pelo sudeste. Nesta, o Nordeste ocupa sempre a noção de “bizarros e simpáticos”, em oposição à civilidade paulista.

Análise da estratégia discursiva: Encontra-se uma dupla relação em que o ritmo do forró é associado a uma grande festividade e diversão, à qual a prefeitura de São Paulo homenageia e estimula através de projetos. Todavia, mencionando-se que “os soldados norte-americanos davam bailes abertos ao público, para todos: ‘for all’, expressão que os nordestinos pronunciavam ‘forró’”. Nessa escolha frasal, os nordestinos estão passivos à criação da obra. Ainda que se subentenda que fizeram parte de sua criação, sua invenção não está diretamente atribuída. Sua identidade ainda é apresentada como uma particularidade dentro do macro grupo “cultura brasileira”. Neste discurso, os nordestinos apenas receberam o ritmo de estrangeiros, cujo nome corrompeu o nome por ignorância, ressaltando-se seu exotismo. Todavia,

tais elementos pertencem a camadas internas do texto; não se pode acusar o veículo de propagar, abertamente, xenofobia.

3.2. Diário do Poder (2021):

Objeto de texto presente no site:

Título em tamanho ampliado e em negrito: Dia Nacional do Forró é homenagem à data de nascimento de Gonzagão.

Autor apresentador: Redação.

Texto:

13 de dezembro é o Dia Nacional do Forró. A data foi instituída em homenagem ao nascimento de Luiz Gonzaga, em 13 de dezembro de 1912, o Rei do Baião.

A origem da palavra “forró” surgiu como uma pequena corrupção da expressão inglesa “for-all” (para todos).

Segundo o professor e folclorista pernambucano Valdemar de Oliveira, nas décadas de 1920 e 30 os ingleses dirigentes da Pernambuco Tramways Power Company Limited realizavam grandes festas, para as quais eram convidadas figuras importantes da sociedade.

Porém, em determinados eventos, os convites eram mais amplos e extensivos aos funcionários das empresa. Nessas ocasiões, traziam, no rodapé, a expressão “for all”, promovendo a alegria geral (DIÁRIO DO PODER, 2021).

Sobre o veículo e contextualização ideológica: O Diário do Poder, fundado pelo jornalista Cláudio Humberto, ex-assessor do ex-presidente brasileiro Fernando Collor de Melo, se apresenta como “o primeiro site brasileiro dedicado exclusivamente à política, poder e os bastidores de Brasília” (Diário do Poder, s/d.). Em análise ao seu conteúdo, é notória a presença de reportagens intensamente contrárias a grupos de esquerda política de modo geral e apoiando grupos de direita. Isso permite posicioná-lo em um espectro político mais próximo desta última, inclusive na época da publicação da matéria.

Identificação do objeto discursivo: O objeto se apresenta centrado na celebração do Dia Nacional do Forró, abordando a suposta explicação sobre a origem da palavra “forró” como uma corruptela da expressão da língua inglesa.

Enunciação: Em uma relação enunciativa polissêmica, é possível encontrar elementos de conexão entre “forró” e a cultura nordestina, mesmo que a palavra “Nordeste” não tenha sido utilizada. Da mesma forma, o musicista pernambucano Luiz Gonzaga é apresentado como “Rei do Baião”, denotando autoridade e prestígio a ele e ao ritmo em uma primeira camada. Uma relação de paráfrase pode ser aplicada no trecho “pequena corrupção”, utilizado na linguística também como “corruptela” ou “derivação” (menos pejorativo). O título evoca sobre Luiz Gonzaga, citado apenas no primeiro parágrafo e somente uma vez, onde o cerne da matéria passa-se sobre a explicação da origem da palavra “forró”.

Identificação de elementos ideológicos de espaço e tempo: Vale o mesmo conflito político-espacial entre regiões supracitadas no caso anterior. Em comparativo, ainda é possível notar um posicionamento do site junto ao espectro político de direita, muito mais associada às regiões Sul e Sudeste. Isso não necessariamente identifica uma relação de antagonismo entre o site e o tema, todavia deve ser ressaltado.

Análise da estratégia discursiva: A matéria apresenta uma narrativa que associa o Dia Nacional do Forró ao nascimento de Luiz Gonzaga e associa o ritmo à “alegria geral” acessível a todos. A matéria é curta em tamanho e apresenta a suposta etimologia, citando o prof. Valdemar de Oliveira como fonte, havendo o cuidado de se ressaltar ser ele pernambucano e sua dupla titulação, mas não informa referências de onde a informação teria sido retirada. Há ainda uma contradição enunciativa entre o título e seu conteúdo, que abordam enfoques diferentes.

Conforme Orlandi (2000, p. 82), aquilo que não é dito é tão parte do discurso quanto o que é dito. Assim, ressalta-se a ausência da palavra “Nordeste”

no texto. Ainda que seja implícito que o ritmo se origina na região e associado à identidade nordestina, não há qualquer menção sobre sua autoria artística e cultural, mantendo-se em primeiro plano a presença de ingleses e as festas feitas para agradar os estrangeiros. A estratégia discursiva busca ressaltar aspectos de “folia e alegria”, possivelmente de algazarra e exotismo, junto à cultura nordestina. Demonstra-se prestígio à figura de Luiz Gonzaga, sem, entretanto, estabelecer qualquer crédito intelectual a este ou à população criadora do ritmo, apagados e recolhidos ao plano de fundo da narrativa. O foco intelectual aponta na direção do elemento estrangeiro que teria provido as condições mínimas para que a manifestação se estabelecesse. Uma terceira camada então sugere que não teriam os nordestinos a capacidade de fazê-lo sem o auxílio de ingleses e cujo nome corromperam por ignorância. Todavia, não se pode acusar o veículo diretamente de xenofobia, uma vez que tais elementos não são citados abertamente, pertencendo às camadas internas do texto.

3.3. TV Senado – *É assim que a gente fala* (2022):

Objeto de texto presente no site:

Nome do quadro em tamanho simples, em vermelho: *É assim que a gente fala*.

Título: ““Forró " ou"for all"? A mistura do sotaque norte-americano com o português no Rio Grande do Norte”.

Texto: “A esquina do continente americano fica aqui. O estado inclusive foi usado com base nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Dizem que a presença dos estrangeiros mexeu no jeito potiguar de falar. Será? Vem descobrir na série *‘É assim que a gente fala’*” (Senado, 2022).

Enunciado de hipermídia: Apresenta-se a introdução ao vídeo da série *“É assim que a gente fala”*, episódio sobre o Rio Grande do Norte. O episódio gravado não aborda em qualquer momento a etimologia de forró, apresentando um indivíduo potiguar sendo entrevistado pelo apresentador, demonstrando anglicismos

linguísticos anglófonos na fala do estado. Há descrição inicial sobre os eventos do *Trampolim da Vitória* e uma suposta então proximidade, originada neste momento, entre o RN e os EUA, embora isso não seja explicitamente afirmado. Também não se apresentam fontes aos anglicismos, valendo-se da autoridade do falante nativo, o que se enquadra com o tipologia do programa de infotainment.

Sobre o veículo e contextualização ideológica: A TV Senado é um dos canais oficiais do parlamento brasileiro, tendo como função televisionar as atividades das câmaras e propiciar acesso a produções culturais de interesse público. Por ser parte do poder público, este deve apresentar, supostamente, imparcialidade, veracidade e laicidade em seu conteúdo.

Identificação do objeto discursivo: Embora o vídeo seja o foco da postagem, seu texto de introdução é o objeto estudado no momento, sendo o vídeo apenas peça complementar de contexto. O duplo núcleo apresenta introdução textual que faz alusão à narrativa de “*for all*” como originária de “fórró”, todavia sem mencionar o caso, dando enfoque ao vídeo. Este apresenta maneirismos e anglicismos correntes na região do RN, utilizando-se de recursos gráficos para ilustrar o sentido das gírias na fala das personas apresentadas.

Enunciações: O texto não possui aparente destaque, figurando como breve apresentação do vídeo, marcado por apagamento de fontes. O início do vídeo mostra um jornalista branco, de sotaque do sudeste (Fernando Rocha) e fala de eloquência da norma culta, descrevendo rapidamente os eventos da base militar no RN durante a 2ª Guerra Mundial, e questionando se isso teria influenciado o falar local. Em seguida, um homem negro (Edinilson, vulgo “Acerola”), educador físico, com forte sotaque local e maneirismos linguísticos, apresenta anglicismos e gírias correntes na região, dando destaque às corruptelas e expressões onomatopeicas.

Identificação de elementos ideológicos de espaço e tempo: A série “É assim que a gente fala” é uma iniciativa da TV Senado que apresenta maneirismos linguísticos e curiosidades geográficas dos estados brasileiros, um estado por

Revista Espacialidades [online]. 2024.2, v. 20, n. 1, ISSN 1984-817X [34]

episódio. Lançada em 2021, enfatiza a diversidade linguística do país, ao mesmo tempo que incita certo exotismo sobre tal diversidade.

Análise da estratégia discursiva: A curta enunciação textual projeta o evento do *Trampolim da Vitória* no espaço interdiscursivo, havendo um apagamento parcial no modo de divulgação da pseudoetimologia, onde esta se transmite sem um destaque próprio. A não correção da falsa etimologia, mas sim um questionamento de se os soldados estadunidenses teriam influenciado o falar local, que se complementa ao imaginário interdiscursivo alojado pela “lenda urbana”. Não há afirmações tácitas, tão pouco nega-se. Há ainda um destaque à “espontaneidade” e capacidade de absorção do nordestino, o que reforça o supracitado “exoticismo” sob a ótica discursiva. A narrativa é reforçada sem uma afirmação direta.

4. Considerações finais

A análise do discurso não se foca diretamente na busca em elencar culpados intencionados, mas em compreender as nuances simbólicas onde as enunciações produzem seu efeito. Busca-se, conforme expõem Orlandi (2000, p. 25), os processos de significação da língua que combinam elementos históricos e experiências presentes, não necessariamente dividindo-os em tais categorias ou elencando prevalências. Assim, um discurso se propaga pois este faz parte da construção de um imaginário interdiscursivo que permeia a realidade do interlocutor.

Uma vez que não há demonstração de intenção explícita em causar dano à população nordestina, é possível enquadrar as publicações na categoria *Misinformation* (informação falsa) das desordens informacionais estabelecida por Wardle e Derakhasan (2023, p. 12-13), embora haja um tipo de dano causado em camada interna. Isso conecta-se com Santaella (2018, p. 18-19), que afirma que notícias falsas sempre incorporam elementos danosos e interesses escusos, manipulando opiniões e distorcendo a realidade.

Jessé Souza (2009) expõem a ideia de que a população nordestina é pintada no imaginário social e cultural brasileiro com um exotismo e características “selvagens”, permeadas por festas e sensualidades. Ainda que tais características sejam, de modo geral, atribuídas ao estereótipo identitário geral do brasileiro, tal efeito é mais forte sobre as populações nas periferias de poder, naturalizando as desigualdades como fruto de sua “incapacidade em seguir padrões de ordem”, atribuídos aos excessos deste emocional caótico e fugaz. Na opinião do autor, nessa identidade reside uma dicotomia entre capacidade intelectual ou de produção cultural e a “balbúrdia que tudo incorpora por brincadeira”, relegando ao nordestino sempre os aspectos mais arcaicos deste eixo no imaginário popular: “farrista”, “ignorante”, “preguiçoso”, “conservador”, “machista”, etc. (Souza, 2009, p. 78-80). Albuquerque Jr. (2018, p. 171-185) reforça que essas ideias fazem parte de uma construção do Nordeste como discurso histórico do sudeste, onde o forró passa a representar a “voz do povo nordestino”, mas de um nordeste inerentemente naturalista ou essencialmente “folclorizado”. Neste permeia somente a seca sofrida, a religião beata, a alegria fugaz e a nostalgia, alienados de seu presente e incapazes de construir, por si só, um futuro.

Vê-se no apresentado que mesmo informações aparentemente triviais exercem um papel em interpretações sobre o imaginário histórico e a realidade cotidiana. Nisso incluem-se as etimologias como forma de acesso à materialidade histórica da língua. A internet não criou tal mecanismo de falsas etimologias, apenas ampliou seu espaço de propagação e com isso a disseminação de discursos enganosos e nocivos. Não há de se extrapolar o sentido destes dados e afirmar-se que, ao ler uma falsa origem para a palavra “forró”, um historiador ou mesmo um cidadão comum prontamente criaria toda uma crônica histórica de degradação e ódio ao povo nordestino. Não é o caso. Apenas há de se admitir que estes pequenos detalhes se somam na construção de um imaginário histórico altamente danoso.

Assim, conclui-se que tal lenda urbana linguística ressalta um caráter exótico à população nordestina, com aspectos velados de xenofobia. Seu discurso induz a uma ideia de que este povo tão “singular”, marcado pela constante folia e,

consequentemente, pouco apreço pelo trabalho e produção intelectual, não possui a capacidade de criar mesmo os símbolos que compõem sua identidade. Tal discurso se vende como sendo uma informação factual, e por meio destas “migalhas” de falsas informações, de pequenos fatos, constroi-se um imaginário histórico que abriga tais características, internamente, de forma velada e muitas vezes não consciente. Uma vez que este é tido como verdade interdiscursiva, tal perspectiva influencia todas as interpretações sobre tal região e população de forma, o que coloca em risco a construção de uma cidadania plural e mesmo o metódico ofício do historiador.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2018.

ALVES, Francisco José. **Nota para a História do forró**. UFS. 15 jun. 2011. Disponível em: <[https://www.ufs.br/conteudo/2295-nota-para-a-hist-ria-do-forr->](https://www.ufs.br/conteudo/2295-nota-para-a-hist-ria-do-forr-). Acesso em 12 mai. 2024.

BAHIA. Defensoria Pública. **Dicionário de expressões (anti) racistas**. Salvador: ESDEP, 2021.

CÂMARA CASCUDO, Luis. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10ª edição. São Paulo: Ediouro, 1954.

CARTA CAPITAL. **Em 1987, Doria propôs fazer da seca no Nordeste uma atração turística**. 28 jun. 2017. Disponível em: <[https://www.cartacapital.com.br/politica/em-1987-doria-propos-fazer-da-seca-no-nordeste-uma-atracao-turistica/>](https://www.cartacapital.com.br/politica/em-1987-doria-propos-fazer-da-seca-no-nordeste-uma-atracao-turistica/). Acesso em: 18 mai. 2024.

DIAS, Ivan; DUPAN, Sandrinho. **O que é Forró?: Um pequeno apanhado da história do Forró**. Campina Grande: Meroveu, 2022.

DIÁRIO DO PODER. **Dia Nacional do Forró é homenagem à data de nascimento de Gonzagão**. 13 dez. 2021. Disponível em: <https://diariodopoder.com.br/notas/dia-nacional-do-forro-e-homenagem-a-data-de-nascimento-de-gonzagao?goc_wbp__=270143002I2nmU-6OunE3C8PRNpH8m6CcOnk>. Acesso em 08 abr. 2024.

DIÁRIO DO PODER. **Sobre o DP.** s/d. Disponível em: <<https://diariodopoder.com.br/sobre-o-dp>>. Acesso em: 12 abr. 2024.

DRAPER, Jack. **Forró and redemptive regionalism from the Brazilian northeast:** popular music in a culture of migration. Nova Iorque: Peter Lang, 2010.

ESPÍRITO SANTO. **Novembro Negro:** conheça algumas expressões racistas e seus significados. Secretaria de Estado de Direitos Humanos. 17 nov. 2020. Disponível em: <<https://sedh.es.gov.br/Not%C3%ADcia/novembro-negro-conheca-algumas-expressoes-racistas-e-seus-significados>>. Acesso em: 09 abr. 2024.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.

LACAPRA, Dominick. **History in Transit:** Experience, Identity, Critical Theory. Londres: Cornell University Press, 2004.

LA PASTINA FILHO, José. Eram as telhas feitas nas coxas das escravas?. **Revista Arqueologia**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 1-4, 2006.

LIBERMAN, Anatoly. **Word Origins and How We Know Them:** Etymology for Everyone. Londres: Oxford Press, 2009.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso:** Princípios & Procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. **A Pós-Verdade É Verdadeira ou Falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

SÃO PAULO. **A Secretaria Municipal de Cultura comemora o Dia do Forró com uma maratona no centro.** Secretaria de Cultura. 30 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=22373>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral.** 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SENADO. **"Forró" ou "for all"? A mistura do sotaque norte-americano com o português no Rio Grande do Norte.** TV Senado. 23 ago. 2022. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/tv/programas/e-assim-que-a-gente-fala/2022/08/f>>

orro-ou-for-all-a-mistura-do-sotaque-norte-americano-com-o-portugues-no-rio-grande-do-norte>. Acesso em: 18 mai. 2024.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Desordem Informacional**: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas. Campinas: Unicamp, 2023.

WHITE, Hayden. **Meta-História**: A imaginação histórica no Século XIX. São Paulo: EdUSP, 1992.

WILTON, David. **Word myths**: Debunking linguistic urban legends. Nova York: Oxford Press, 2004.